

HISTÓRIA CRÍTICA DA FÁBULA NA LITERATURA PORTUGUESA

A Fábula na Literatura Portuguesa: Catálogo e História Crítica
Projeto avaliado e financiado pela FCT – PTDC/CLE-LLI/100274/2008

CAPÍTULO 4

NA CONVERGÊNCIA DA MATERIALIDADE E DA MEMÓRIA ESÓPICAS
(SÉCULOS XVII E XVIII)

TERESA ARAÚJO

CAPÍTULO 4

NA CONVERGÊNCIA DA MATERIALIDADE E DA MEMÓRIA ESÓPICAS (SÉCULOS XVII E XVIII)¹

Encarar a existência de um único fabulário impresso em português durante quase dois séculos – *Vida e fabulas do insigne fabulador grego Esopo* (Mendes da Vidigueira, 1603) só foi seguida nos finais de Setecentos pelas coleções de Manuel Morais Soares (1785), Miguel do Couto Guerreiro (1788) e Romão Francisco António Creyo (1796) – suscita alguma perplexidade, já que o acervo coincidiu no espaço e no tempo com diversas manifestações de interesse pelo género esópico. Com efeito, durante a vigência da singularidade da obra, o próprio livro de Mendes da Vidigueira adquiriu uma avultada fortuna editorial, graças a tipógrafos não só de Lisboa², e as letras de diversos autores agregaram multifacetadas práticas do legado antigo baseadas num repertório que não se limitou ao do acervo impresso pela primeira vez em Évora³.

A antinomia exige uma reflexão que extravasa o domínio da crítica fabulística, obrigando a considerar, por exemplo, aspetos concernentes à história editorial da época. O presente estudo, centrando a sua atenção nas expressões de apreço pelo legado constitutivas de várias obras dos séculos XVII e XVIII, não incide sobre a análise do paradoxo, mas avalia duas coincidências que contextualizam a raridade da obra. Por um lado, a verificada entre a condição ímpar do fabulário e a inexistência de uma coleção em língua nacional dedicada a um outro género, igualmente breve e com vida material e memorial, o romanceiro, cujos temas também integraram funcionalmente as letras de autores portugueses dos séculos XVI e XVII

¹ Versão expandida deste estudo em preparação.

² Após Oitocentos, o acervo continuou a ser reimpresso, como descreve, nesta *História crítica da fábula*, Ana Paiva Morais, “A coleção de fábulas traduzidas por Manuel Mendes da Vidigueira”.

³ Embora ainda não esteja completo o mapeamento das respetivas ocorrências, investigações recentes têm produzido conhecimento relevante. Refiro-me sobretudo aos estudos desenvolvidos no âmbito do Projecto de Investigação apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, *A Fábula na Literatura Portuguesa. Catálogo e História Crítica* apoiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (PTDC/CLE-LLI/100274/2008), bem como a dois contributos anteriores, os de Alexandra Madail (2003) e Luciano Pereira (2007).

(Vasconcelos, 1981). Por outro, a relativa ao facto de o primeiro impressor do fabulário ter sido o reeditor português do *Cancionero de romances* de Martin Nucio, inicialmente estampado em Antuérpia⁴. Manuel de Lira imprimiu-o em Lisboa, em 1581, mantendo a língua original da obra e suprimindo apenas as duas composições finais (“Llanto haze el rey David” e “Con ravia esta el rey David”), mas o destacado livreiro nacional, ao reproduzir o acervo, reconheceu o interesse da obra – assim como o da coleção de Mendes da Vidigueira.

As fábulas – ou apólogos, como continuavam a ser indistintamente designadas na época as narrativas atribuídas aos mais ou menos lendários fabulistas da Antiguidade (já que a obra de Jean La Fontaine seria apenas descoberta pelos árcades⁵) ou compostas segundo o seu molde – tiveram, na época em referência, presença institucional. Com efeito, na continuidade da sua aplicação pedagógica (Lacarra, 2010: 109 e Andrade, 2007: 100-103), os relatos foram utilizados nas escolas portuguesas para o ensino de várias disciplinas. Constituíram-nos instrumentos didáticos, por exemplo, os influentes estatutos pedagógicos da Companhia de Jesus concluídos oficialmente em 1599 e publicados na mesma data, *Ratio atque institutio studiorum*, que regularam a educação ministrada pelos jesuítas também em Portugal até à expulsão da Companhia em 1759 (*Código pedagógico*, 2009)⁶. Nas respetivas “Regras para o professor da Classe Superior de Gramática”, a normativa estabelecia expressamente que textos “dos autores gregos S. João

⁴ O *Cancionero de romances*, preparado a partir de fontes memoriais e escritas castelhanas, obteve uma primeira edição sem data e uma segunda, mais ampla, em 1550 – a qual foi reproduzida em Lisboa. Provavelmente, a iniciativa de Manuel de Lira foi estimulada por um contexto semelhante ao de Martin Nucio. Em Lisboa, assim como em Antuérpia, vivia um significativo número de espanhóis que se deslocara para a cidade na sequência de factos políticos, o novo governo da Monarquia Dual, no caso português, e a proclamação de Carlos V como Carlos I de Espanha. Distanciados da sua terra natal, apreciavam particularmente os romances que conservavam na memória. Talvez por isso Lira não tenha dado foro de imprensa à tradição nacional refletida nas respetivas letras epocais, mas preferido (provavelmente por interesse comercial) reeditar a coleção espanhola.

⁵ Acrescente-se que as primeiras traduções do fabulário de La Fontaine apenas surgiram em livro autónomo no século XIX sob os títulos *Fábulas Escolhidas entre as de J. La Fontaine* (Nascimento, 1813/1814/1815) e *As Melhores Fábulas de La Fontaine* (Semedo, 1820). A razão do desfasamento temporal das coleções portuguesas terá residido no predomínio da influência espanhola – sintomaticamente, as fábulas de Iriarte (1787) foram vertidas para português anteriormente às do poeta de Thierry (Creyo, 1796) –, bem como no reduzido conhecimento da língua francesa (Barata, 1979: 59-60, 90-92). Durante este período, é de admitir que o autor de algumas alusões fabulísticas em português, Rafael Bluteau, tenha conhecido a obra de La Fontaine, pelo menos na época que esteve retirado em França, na transição de Seiscentos para o século seguinte. Contudo essa leitura não é perceptível.

⁶ Os fundos da Biblioteca Nacional de Portugal conservam um exemplar seiscentista desta constituição pedagógica (*Ratio atque institutio studiorum*, 1635) e Helena Costa Toipa entrevistou o contributo de um professor da Universidade de Coimbra, Pedro Perpinhão, na última versão do código pedagógico (Troipa, 2009).

Crisóstomo, Esopo, Agapetos e outros semelhantes” fizessem parte da leitura dos estudantes no segundo semestre da disciplina. Como é sabido, o jesuíta Luís António Verney refutou em meados de Setecentos o sistema e as práticas pedagógicas da Companhia, propondo um novo *método* significativamente intitulado *verdadeiro* – cujo efeito nas reformas pombalinas ainda não foi devidamente determinado (Atallah: 62), apesar de reconhecido⁷ –, mas o projeto de estudos do “estrangeirado” também sustentou a utilidade e a adequação dos textos de Fedro e Ovídio à instrução da gramática, latim e retórica e das fábulas de Esopo ao ensino do grego (Verney, 1746: 72, 95, 168 e 115, respetivamente).

É imaginável o grau de irradiação fabulística gerada a partir da prática escolar do legado – uma difusão em boa medida estimulada pelas características genológicas da matéria herdada favoráveis à memorização dos temas, como desenvolverá o presente estudo baseando-se nas teorizações da forma fabulística (particularmente, as de Nøjgaard, 1964 e de Rodríguez Adrados, 1979) e nas suas conexões com a memória (Lavinio, 1987, Rodríguez Adrados, 2005: 21, entre outros). No entanto, não deve ter sido menos influente a circulação de coleções pelo menos em língua espanhola e latina, considerando não só a documentação desse movimento, como também o modo de consumo dos livros vigente ainda na época, a leitura e a audição (Frenk, 1982). Com efeito, apesar da devastação do Terramoto de 1755, vários exemplares de fabulários integram atualmente alguns arquivos nacionais e vários acervos foram referenciados como fontes por parte de autores que interpolaram fábulas (em esquema retórico ou poético) nas suas obras.

Na Biblioteca Nacional de Lisboa, por exemplo, encontra-se um exemplar do *Libro del sabio e clarissimo fabulador Ysopo historiado e anotado* (1533), que pertenceu ao Convento de Santa Maria de Scala de Coeli da Ordem da Cartuxa (Évora) por doação do anterior proprietário da coleção, o Arcebispo de Évora e fundador do mosteiro, D. Teotónio de Bragança (1530-1602). No mesmo fundo, existe também a *Vida y exemplos del natural philosopho y formosissimo fabulador Esopo* (1627), assim como o *Libro de la vida, y fábulas de el sabio, y clarissimo fabulador Isopo* (1720), e no arquivo da Biblioteca Central da Marinha, *Fabulas y*

⁷ A este propósito, sublinhava Ruth Guaer em nome de vários historiadores da educação em Portugal: “A acção política que levou à expulsão dos jesuítas em 1759, a extinção da Universidade de Évora, a renovação do corpo docente da Universidade de Coimbra e a criação do Real Colégio dos Nobres de Lisboa consagraram de certo modo o pensamento pedagógico de Martinho de Mendonça, Verney e Ribeiro Sanches” (1996: 31).

vida de Isopo con las de otros autores (1747). Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, para contemplar igualmente um fundo fora de Lisboa, conserva-se um livro cujas conexões com a *Esopaida ou Vida de Esopo* de António José da Silva foi sustentada por José Oliveira Barata no seu estudo sobre a génese da peça (Barata, 1979: 56-86). Segundo o estudioso, o volume já não dispõe de folha de rosto e páginas finais, mas corresponde à descrição enunciada no *Manual del librero hispano-americano* da obra *La vida y fabulas del Esopo; a las cuales se añadieron algunas muy graciosas de Aviano, y de otros sabios fabuladores* (1607).

Pela parte das remissões bibliográficas expressas – constantes sobretudo das obras de espiritualidade –, para indicar um exemplo, o autor do *Conselheyro Fiel* (Guilherme, 1727) atribuiu as suas interpolações fabulísticas à coleção humanística de larga difusão *Hecatomythia* de Lorenzo Abstemio (publicada em várias edições como *Aesopi Phrigis et Vita ex Maximo Planude desumpta et fabellae*, de 1538, e *Aesopi Phrigis et aliorum Fabulae*, de 1542) e os *Apologos morales de San Cirilo traducidos del latin en Castellano por... Francisco Aguado de la Compañia de Iesus* (1643). Se considerarmos que este autor, destacado frade da Ordem dos Pregadores, dedicou parte da sua atividade à ampliação da biblioteca do Real Colégio de Nossa Senhora da Escada (Machado, 1966: 285), é de admitir que estas e outras coleções fizessem parte da respetiva livraria.

A importância destas e outras referências bibliográficas, no entanto, não reside apenas na documentação da biblioteca esópica material disponível em Portugal durante este período. Manifesta-se sobretudo ao nível da crítica sobre o trabalho criativo dos autores que aplicaram as fábulas indicando a respetiva fonte. É o caso, por exemplo, de uma remissão de Manuel Bernardes na *Nova Floresta* que atribui ao *Orbis Phaëthon, hoc est de vniuersis vitiis linguae pars altera*, do jesuíta alemão Jeremias Drexel (Drexelio, 1629: 24-25), a proveniência do engaste do tema do lobo e o cordeiro utilizado na argumentação sobre a perversidade da imputação de culpa aos inocentes (Bernardes, 1726: 431):

Naõ deixarey de contar um apologo engraçado, que a este proposito traz o Padre [Jeremias] Drexelio. No tempo em que o lobo, e o cordeiro estavaõ em treguas, desejava aquelle, que se oferecesse occasiaõ, para as romper. E hum dia, que ambos se acharaõ nas margens de hum regato indo beber, disse o lobo muy encolerizado para o cordeiro: Porque me turbais a agua que vou beber? (Bernardes, 1726: 431).

Cotejando a narrativa em português com a latina citada, verifica-se que a de Manuel Bernardes atualizou criativamente a de Jeremias Drexel. Enquanto a versão do *Orbis Phaëthon*, interpolada na exposição sobre a calúnia, seguiu (segundo o paratexto anteposto) a lição de Fedro, “[a]ppositum huic rei apologum recitans Phædrus” (Drexelio, 1629: 24-25), a da *Nova Floresta* foi iniciada com o motivo das tréguas entre os protagonistas proveniente da fábula do lobo e das ovelhas, adaptando-o ao novo contexto temático sob a ideia do armistício intencionalmente interrompido pelo lobo.

A contaminação constitutiva do relato português acentuou a perfídia lupina do tema dominante e distinguiu a narrativa da fonte expressa. Mas terá sido o artifício da lavra de Bernardes, elaborado a partir do conhecimento que o autor teria do tema do lobo e as ovelhas através de coleções como a seiscentista *La vida y fabulas del Esopo* (1607: 65-66) ou da memória tradicional da fábula? O estudo analisa a questão considerando outras atualizações fabulísticas e enquadrando-a no tópico teórico da abertura do género (Rodríguez Adrados, 1979: 11).

Na linha do reconhecimento crítico da vida tradicional da matéria esópica, escrutina também a memória portuguesa dos temas do legado, bem como as suas conexões com a atualização material da herança, baseando-se em duas ocorrências reveladoras do conhecimento generalizado das fábulas por parte de autores e público ouvinte-leitor. Por um lado, atende às expressões que remetem para uma fonte coletiva, como a referente ao tema da lebre e a rã, “[d]iz que as lebres, como gente, / um dia conselho houveram”, de Francisco Manuel de Melo (1665: 575). Por outro, detém-se nas formas alusivas a temas esópicos (geralmente desatendidas pela crítica) análogas às seguintes relativas às fábulas do corvo e a raposa, da raposa e as uvas, do galo e a pérola, das rãs e o boi e do lobo e o cordeiro, respetivamente: “[...] do amor que lhe tenho [à língua portuguesa] e que cada um tem às suas cousas, como o corvo aos seus filhos” (Rodrigues Lobo, 1991: 70), “[...] e a boa he verde, como dizia a raposa” (Veiga, 1988: 14), “[m]as isto he o mesmo, que o gallo com a perola. Não me serve tal casta de honra.” (Melo, 1981: 107), “[p]oderá succederlhe o que la disse a fabula das rans, invejando a grandeza do boy, que viraõ na agua, e pela imitar rebentaraõ” (Bernardes, 1726: 214), “[p]ara o Lobo da Fabula justificarse, atacou ao Cordeiro, que no lugar onde estava bebendo, turvava a água” (Bluteau, 1721: 296).

Para além da análise da atualização fabulística resultante da convergência de fontes materiais e memoriais, o estudo debruça-se sobre os procedimentos criativos da aplicação retórica e poética da herança esópica, tomando como referência teórica os trabalhos de G. Genette (1982), entre outros, sobre a natureza hipertextual da fábula. Destaca, por exemplo, o de composição da fábula dentro da fábula e o de ampliação do relato por recurso a elementos da mitologia clássica ou de outras fontes, utilizados por exemplo nas *Aves Illustradas* (Maria do Céu, 1734), o de redução narrativa, praticado nomeadamente pelo autor da *Arte de Furtar* (1991: 264), e o de parodização dos temas, desenvolvido por, entre outros, Francisco Manuel de Melo nas suas *Cartas familiares* (Melo, 1981: 107).

Incide, ainda, sobre a criação em molde fabulístico, que ampliou tematicamente o género e adquiriu nos *Apólogos dialogais* (Melo, 1998) e nas *Aves Illustradas* (Maria do Céu, 1734) forma bem conhecida, mas que exige revisão face à leitura de textos manuscritos ainda não observados pela crítica, como por exemplo o “Phabulosum libertatis”, incluído no *Theatro Scholastico. Occupações discretas* (Ribeiro, 1684) conservado na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (Manuscrito 75).

Termina refletindo sobre as molduras da aplicação esópica ao longo dos séculos XVII e XVIII, sublinhando a progressiva linha evolutiva do esquema retórico para o poético, bem como sobre a funcionalidade literária e extraliterária do procedimento.

Teresa Araújo

LISTA DE FÁBULAS CITADAS

- O lobo e o cordeiro, Perry, p. 191, I, n.º 1; Adrados, H. 160, M. 274
O lobo e as ovelhas, Perry, p. 450, n.º 153
A lebre e a rã, Perry, p. 37, n.º 25; Adrados H. 143; M. 238
A corvo e a raposa, Perry, p. 97, n.º 77; p. 207, I, n.º 13; Adrados, H. 126; M. 138
A raposa e as uvas, Perry, p. 303, IV, n.º 3; Adrados, H. 15a; M. 505
O galo e a pérola, Perry, p. 279, III, n.º 12; Adrados, no H. 271; M. 174
As rãs e o boi, Perry, p. 41, n.º 28; p. 219, I, n.º 24 Adrados, no H.273; M. 374

BIBLIOGRAFIA CITADA

- Aesopi Phrigis et Vita ex Maximo Planude desumpta et fabellae* (1538). Amberes: Michael Hillenius.
- Aesopi Phrigis et aliorum Fabulae* (1542). Lyon: Seb. Gryphius.
- ANDRADE, António Manuel Lopes (2007). “A fábula na obra poética de Diogo Pires”, *Ágora. Estudos Clássicos em Debate*, 9, 99-118.
- ANDRÉS-SUÁREZ, Irene, López de Abiada, José Manuel y Ramírez Molas, Pedro (ed.) (1997). *El teatro dentro del teatro: Cervantes, Tirso, Lope y Calderón*. Madrid: Editorial Verbum.
- Apologos morales de San Cirilo traducidos del latin en Castellano por... Francisco Aguado de la Compañía de Jesus* (1643). Madrid: Francisco Martínez.
- Arte de furtar* (1991). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda [Amsterdam: Na Officina de Martinho Schagen. 1744]
- ATALLAH, Claudia Cristina Azeredo (2006). “Luis Antonio Verney e as reformas culturais portuguesas: uma questão pedagógica”. *Vértices*, 8, n. 1/3, jan./dez, pp. 55-66.
- BERNARDES, Manuel (1726): *Nova Floresta*. IV. Lisboa, Off. de Valentim da Costa Deslandes.
- BLUTEAU, Rafael (1721). *Suplemento ao Vocabulario portuguez, e latino*. Lisboa, Patriarcal Officina da Musica
- Cancionero de romances* (1581). Lisboa: Manoel de Lyra.
- Código pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum da Companhia De Jesus [1599]; Regime escolar e curriculum de estudos* (2009). Nota prévia, introdução e versão portuguesa de Margarida Miranda; textos de José Manuel Martins Lopes; prefácio de Luíz Fernando Klein; posfácio de Noberto Dallabrida; revisão de José Carlos Miranda. Lisboa: Esfera do Caos.
- CREYO, Romão Francisco António (1796). *Fabulas Litterarias de Thomas Yriarte* traduzidas do castelhano por Romão Francisco Antonio Creyo. Porto: Off. de Viuva Mallen, Filhos e Comp.
- DREXELIO, Hieremia (1629): *Orbis Phaëthon, hoc est de vniuersis vitiis linguae pars altera*, Monachii.
- Fabulas y vida de Isopo con las de otros autores* (1747). Madrid, Alonso Padilla
- FRENK, Margit, (1982). “«Lectores y oidores». La difusión oral de la literatura en el Siglo de Oro”, in *Actas del Séptimo Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, I, Roma, Bulzoni Editore, pp. 101-123.
- GÁLLEGO, J. (1994). *Velázquez*. Alianza Cien.
- GUAER, Ruht Maria Chitó (1996). *A modernidade portuguesa e a Reforma pombalina de 1772*. Porto Alegre: Edipucrs.
- GUERREIRO, Miguel do Couto (1788). *Fábulas de Esopo reduzidas a rima com applicações acomodadas à moral cristã. oferecidas ao exmo. Senhor D. José de*

Assis Mascarenhas. Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.

GUILHERME, Manuel (1727). *Conselheyro Fiel*. Lisboa, Off. de Antonio Pedrozo Galram.

HERMENEGILDO, Alfredo (1999). «Mirar en cadena: artificios de la metateatralidad cervantina» in Catherine Poupeney Hart, Alfredo Hermenegildo, César Oliva Olivares (coord.), *Cervantes y la puesta en cena de la sociedad de su tiempo (Actas del Coloquio de Montreal, 1997)*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 77-92

IRIARTE, Tomás (1787). *Colección de obras en verso y prosa*. I. *Fabulas literárias y la música, poema*. Madrid: en la imprenta de Benito Cano.

LACARRA, María Jesús (2010). "La fortuna del *Isopete* en España". In Fradejas Rueda, Juan Manuel, Smithbauer, Déborah Dietrick, Martín Sanz, Demetrio, Díez Garretas, M^a Jesús (eds.). *Actas del XIII Congreso ABLM*. Valladolid: Ayuntamiento de Valladolid/Universidad de Valladolid, pp. 107-134.

La vida y fabulas del Esopo; a las quales se añadieron algunas muy graciosas de Aviano, y de otros sabios fabuladores (1607). En la oficina Plantiniana.

LAVINIO, Cristina (1987). "Modello narrative e intreccio nella fiaba: i condizionamenti della memoria". *La ricerca folklorica*, nº15 ("Oralità e scrittura. Le letterature popolare europee"), aprile, 41-48.

Libro de la vida, y fábulas de el sabio, y clarissimo fabulador Isopo (1720). Madrid, imp. de Angel Pascual.

Libro del sabio e clarissimo fabulador Ysopo historiado e anotado (1533). Sevilla: por Juan Cromberger.

Lobo, Francisco Rodrigues (1991). *Corte na Aldeia*. Lisboa: Presença, 1991.

MACHADO, Diogo Barbosa (1966). *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica e Cronologica*, ed. Fac-similada. III. Coimbra: Atlântida (Lisboa Occidental, Na Officina de Ignacio Rodrigues, 1752).

MADAIL, Alexandra Maria de Melo (2003). *Recepção literária de Esopo e Fedro em autores portugueses* [Dissertação de Mestrado]. Aveiro: Universidade de Aveiro.

MARIA DO CÉU, Sórora, (1734). *Aves Illustradas em avisos para as religiosas servirem os officios dos seus mosteiros*. Lisboa: Officina Miguel Rodrigues.

MELO, Francisco Manuel de (1981). *Cartas Familiares*, prefácio e notas de Maria da Conceição Morais Sarmiento. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1981 [Roma, Officina Filipe Maria Mancini, 1664].

_____ (1665). *Obras metricas*. León de Francia, Horacio Boessat e George Remeus.

_____ (1998). *Apólogos dialogais*. 2 Vols. Braga-Coimbra, Angelus Novus.

MENDES DA VIDIGUEIRA, Manuel (1603). *Vida e fábulas do insigne fabulador grego Esopo*. Evora: Manuel de Lyra.

NASCIMENTO, Francisco Manuel do [Filinto Elísio] (1813/1814/1815). *Fábulas*

- escolhidas entre as de J. La Fontaine*. Londres: Typographia de H. Bryer; Lisboa: Imprensa Regia; Paris: na Officina de Cellot.
- NØJGAARD, Morten (1964). *La fable antique, I. La fable grecque avant Phèdre*, Copenhaguen, Nyt Nordisk Forlag.
- PEREIRA, Luciano José dos Santos Baptista (2007). *A fábula em Portugal: contributos para a história e caracterização da fábula literária*. Porto: Profedições.
- RIBEIRO, Manuel Luis (1684). “Phabulosum libertatis” in *Theatro Scholastico. Occupações discretas*. Ms. 75, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.
- RODRÍGUEZ ADRADOS, Francisco (1979). *Historia de la Fábula Greco-Latina*. Vol. 1: *Introducción y de los orígenes a la edad helenística*. Madrid: Editorial de la Universidad Complutense.
- _____ (2005). *De Esopo al Lazarillo*. Huelva: Universidad de Huelva Publicaciones.
- SEMEDO, Curvo [Belmiro Transtagano] (1820). *As Melhores Fábulas de La Fontaine*. Lisboa: Imprensa Regia.
- SOARES, Manuel de Moraes (1785). *Fábulas de Fedro, Escravo Forro de Augusto Cesar*, Lisboa, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno.
- Teatro de palavras. Revista sobre teatro áureo*, 5. *Monográfico sobre la metateatralidad* (editado por Ricardo Serrano Deza, Alfredo Hermenegildo y Javier Rubiera con la colaboración de Carlos-Urani Montiel) (2011) <<http://www.uqtr.ca/teatro/teapal/TeaPalNum05.html>> [Consulta: 30 de julho, 2013].
- TOIPA, Helena Costa (2009). “O contributo de Pedro Perpinhão para a elaboração da *Ratio Studiorum* da Companhia de Jesus”. *Máthesis* 18, pp. 47-79.
- VASCONCELOS, Carolina Michaëlis (1981). *Estudos sobre o romanceiro peninsular. Romances velhos em Portugal*. Porto: Lello & Irmão – Editores (1ª. ed. em livro, Coimbra: Imprensa da Universidade, 1934).
- VEIGA, Tomé Pinheiro da (1988). *Fastigimia*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VERNEY, Luis António (1746). *Verdadeiro metodo de estudar, para ser util à Republica, e à Igreja: proporcionado ao estilo, e necessidade de Portugal. Exposto em varias cartas, escritas pelo R. P. * * * Barbadinho da Congregaçam de Italia, ao R. P. * * * Doutor na Universidade de Coimbra*. Tomo Primeiro. Valensa: na Oficina de Antonio Balle.
- Vida y exemplos del natural philosopho y formosissimo fabulador Esopo* (1627). Salamanca: Em casa de Antonia Ramirez.
- ZIMIC, Stanislav (1996). *Las Novelas Ejemplares de Cervantes*. Madrid: Siglo Veintiuno.
- _____ (1998). *Los cuentos y las novelas del “Quijote”*. Madrid: Universidad de Navarra.

PALAVRAS-CHAVE

Tradição material, tradição memorial, procedimentos de recriação, composição em molde esópico, moldura e funcionalidade